

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

Cleitinho entre Lula e Flávio Bolsonaro: “neutralidade”

Candidato do Republicanos ao governo de Minas Gerais, o senador Cleitinho Azevedo reapareceu nesta terça-feira, 11, no plenário do Senado para acompanhar as votações desta semana de esforço concentrado.

Estava solitário por volta das 18h quando se aproximou de sua cadeira o deputado Reginaldo Lopes (PT-MG), ex-líder do PT na Câmara e um dos caciques da legenda em Minas.

Os dois se abraçaram como grandes amigos e o deputado sentou-se na cadeira ao lado. A cena foi presenciada pela coluna a média distância. Logo Reginaldo puxou assunto: “Parabéns. Você será um forte candidato, mas é claro que continuo torcendo pelo Patrus.”

Ele se referia ao deputado Patrus Ananias (PT-MG), que irá enfrentar Cleitinho na disputa pelo comando do Palácio da Liberdade. O senador sorriu e assentiu com a cabeça. E a conversa continuou no mesmo tom amigável.

Deu para notar quando o deputado perguntou se Cleitinho daria lugar no palanque ao candidato do PL a presidente da República, Flávio Bolsonaro. O senador disse que o Flávio já tem candidato em Minas, o ex-presidente da Federação das Indústrias (Fiemg) Flávio Roscoe. E que, por isso, ele fará uma campanha “independente, com neutralidade” em relação ao PT e ao PL no plano nacional.

É tudo que os petistas querem. Minas é decisivo na eleição presidencial. O comando do PT acredita que Luiz Inácio Lula da Silva(PT) pode-

rá se reeleger até mesmo em primeiro turno, se conseguir uma vantagem de mais de 1,2 milhão de votos no estado. Com Cleitinho apoiando Flávio, seria difícil alcançar essa marca.

Reginaldo Lopes levou ao comando nacional da legenda, no mesmo dia, o resultado dessa sua conversa com Cleitinho. Mas ele próprio não garantiu que o senador manterá essa posição até o final da eleição. “Ele pode mudar de ideia a qualquer instante. Com o Cleitinho tudo é possível”, argumentou.

A mesma opinião têm os caciques do PL em Minas. Desde que Cleitinho aguardou Flávio Bolsonaro anunciar a candidatura de Roscoe e lançou-se, dois dias depois, os bolsonaristas passaram a reclamar de terem sido vítimas de “um golpe”.

Segundo eles, Cleitinho nunca quis se comprometer, nem com a candidatura de Flávio Bolsonaro, nem com a de Lula. O senador, segundo as pesquisas, pode ter votos para governador tanto entre eleitores do PT com de bolsonaristas, por isso, esticou ao máximo sua decisão até o PL se ver obrigado a lançar candidato próprio.

O comando da campanha de Flávio Bolsonaro, no entanto, não desistiu do apoio de Cleitinho. Acredita que pode convencer o senador a aceitar que o candidato dos bolsonaristas a presidente tenha palanque duplo no estado: para Roscoe e para o senador.

Há entre os bolsonaristas quem defenda até que Roscoe abra mão da candidatura em troca do apoio de Cleitinho. Mas essa é uma hipótese que o comando do PL de Minas Gerais não gosta. Avalia que, se o senador mineiro se afastou propositadamente, ele poderá desistir do eventual apoio a Flávio em qualquer momento da campanha deixando o PL perdido em Minas e na disputa pelo Palácio do Planalto.

FERNANDO MOLICA

Jornalista e escritor

Flávio: ser ou não ser Bolsonaro

Ao revelar que o índice dos que temem a volta de alguém da família Bolsonaro ao governo supera o medo da permanência de Lula, a pesquisa CNT/MDA indica o porquê da decisão da campanha do candidato do PL frisar seu prenome — Flávio — no lugar do sobrenome.

O resultado desfavorável ao clã — 39,4% rejeitam sua volta ao Planalto; 35,8% a continuidade do petista — está dentro da margem de erro da pesquisa, mas ilustra a dificuldade de se encontrar um perfil predominante de Flávio que, agora protagonista, depara-se com a dificuldade de ser Bolsonaro.

O senador fluminense não é candidato como consequência de sua carreira política, mas por ser filho do ex-presidente, que permanece como “dono” do sobrenome: Jair é o Bolsonaro, ele é responsável pela carreira do filho e por sua escolha como presidenciável. Se, em um improvável rompante, Jair mudar de opinião, Flávio será expulso do jogo.

Ao ganhar a candidatura, o senador procurou emplacar uma imagem de moderação, a história de ser o Bolsonaro que toma vacina; partiu do princípio que não teria rivais à sua direita e que precisaria rumar ao centro.

No início, deu certo: ainda que na margem de erro, ele chegou a ultrapassar Lula. Acudopelo caso Master, pelo pedido de dinheiro a Daniel Vercaro, precisou tocar reunir, e fez rufar os tambores de guerra de sua família.

As pesquisas mostram que, com a concla-

mação ao bolsonarismo-raiz, ele conseguiu estancar sua queda e, principalmente, evitou o crescimento de qualquer adversário no campo da direita. Por mais que radicalizem o discurso, os demais candidatos não conseguem sequer chegar perto dos dois dígitos nas intenções de voto.

E, aí, surge o impasse: a menos de dois meses para o primeiro turno, Flávio Boslonaro, como gostava de frisar o SBT antigamente, é o líder absoluto do segundo lugar, com grande chance de impedir a vitória de Lula na primeira rodada. Mas é travado por sua rejeição: 54,5% não voltariam nele no segundo turno, contra 46,2% que não aceitariam apertar o 13. O vento que faz seu barco correr — o bolsonarismo — é o mesmo que limita sua velocidade. Segundo a pesquisa, seria, hoje, derrotado por Lula no segundo turno (teria 39% dos votos contra 48% do adversário).

Para ser competitivo, Flávio precisa ser Bolsonaro, mas, para ganhar, teria que cometer um patricídio simbólico, que talvez não seria perdoado por seus potenciais eleitores. Sua necessidade de se livrar do peso paterno iria além das relacionadas ao crescimento autônomo de cada um de nós. Não se trata apenas de superar expectativas e imposições relacionadas à figura do pai, o problema é também eleitoral. Ele precisa provar ao eleitor (quicá a si mesmo) ser capaz de superar o pai; isso, sem cometer uma traição.

Entre ser Flávio ou Bolsonaro, o senador corre o risco da derrota. Enquanto isso, seus adversários deitam e rolam com a marca que destaca o “V” de seu prenome: leem Vercaro no lugar de vitória.

EDITORIAL

Eleição, tarifaço, juros e inflação na mesa do BC

O Banco Central brasileiro enfrenta, neste segundo semestre, um dos mais delicados dilemas da política econômica: como reduzir os juros sem permitir que a inflação volte a ganhar força, em meio a um cenário internacional marcado por guerras, tarifas e incertezas, e a um ambiente doméstico contaminado pela disputa eleitoral de outubro.

A Selic está em 14% ao ano, após o quarto corte consecutivo de 0,25 ponto percentual. O movimento indica que o Banco Central reconhece a desaceleração da inflação e os efeitos, ainda graduais, da política monetária restritiva sobre a atividade econômica. Mas a cautela permanece justificada: as expectativas de inflação continuam acima da meta, o que dificulta uma redução mais rápida dos juros.

O problema é que parte das pressões sobre os preços não nasce dentro do Brasil. As guerras no Oriente Médio podem provocar novos choques de energia e combustíveis, enquanto o tarifaço de Donald Trump altera fluxos comerciais, preços e decisões de investimento em todo o mundo. São fatores sobre os quais o Copom tem pouco ou nenhum controle. Ainda assim, seus efeitos podem chegar ao consumidor brasileiro por meio do câmbio, dos combustíveis e das commodities.

É justamente aí que está o dilema. Subir ou manter juros muito elevados não produz petróleo, não encerra guerras e não desfaz tarifas. Mas reduzir a Selic de maneira precipitada pode alimentar o câmbio, desancorar expectativas e dificultar ainda mais o combate à inflação. O remédio monetário tem limites, sobretudo quando a origem do problema é externa.

Há, ainda, a variável eleitoral. A proximidade das eleições de outubro tende a aumentar a volatilidade dos mercados e a sensibilidade dos investidores aos discursos sobre gastos públicos, dívida e futuro da política econômica. O Banco Central precisa resistir à tentação de transformar sua política em instrumento eleitoral — seja para agradar o governo, seja para responder às pressões do mercado.

A melhor decisão, portanto, não será necessariamente a mais popular. O BC deve preservar sua autonomia, comunicar-se com clareza e calibrar os juros conforme os dados, não conforme o calendário eleitoral. Ao governo, cabe fazer a sua parte: responsabilidade fiscal e previsibilidade ajudam a reduzir a pressão sobre a política monetária.

Inflação baixa e juros sustentáveis não se constroem apenas na mesa do Copom. Dependem de credibilidade, equilíbrio fiscal e capacidade de atravessar choques externos sem transformar cada turbulência internacional em uma crise doméstica. Em ano eleitoral, essa disciplina será mais importante.

OPINIÃO DO LEITOR

Brasília florida

Brasília já começa a ficar mais bela com a florada dos ipês amarelos! É um colírio para os nossos olhos! Impossível o brasiliense não curtir. Beleza sem limite!

José Ribamar Pinheiro Filho, Brasília - Distrito Federal

Contribuições por e-mail: endereço@correiodamanha.net.br

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

www.cm.com.br

Publisher
CLÁUDIO MAGNAVITA
redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO

Affonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES

(21) 2042 2955 Whatsapp: (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520 Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057	BRASÍLIA ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes Brasilia - DF CEP 71736-20	SÃO PAULO Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200 Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132
---	--	--

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal